

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)
ARMANDO ROCHA CRUZ
Delegado em Lisboa: **EMÍLIO VALONGO** Tel. 45457

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 9
TELEFONE 59—VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO—TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O INFANTE D. HENRIQUE visto por alguns escritores estrangeiros

Pelo Major J. NASCIMENTO MOURA

INFANTE D. Henrique tem sido alvo dos maiores louvores por numerosos estrangeiros que lhe têm dedicado livros e referências. Com eles algo temos aprendido a admirar nessa figura grandiosa que nos enche de orgulho. Não se conteria num livro todas as palavras de admiração e apreço dos numerosos escritores que se lhe têm referido. Ao acaso assinalamos alguns.

A. E. Nordenskiöld diz que «desde Henrique o Navegador a raça branca espalhou-se sobre a superfície do Globo».

Luiz Hasseman escreveu «o Infante D. Henrique devotou a vida e a sua fortuna ao estudo da arte e da ciência da navegação e a promover as explorações geográficas.»

Haklüt presta as suas homenagens ao Infante D. Henrique.

Thomson, no poema Seasons, Summer, escreveu em língua in-

glesa, esta estância traduzida por A. A. Doria; «Então brotou da antiga obscuridade, o nascente mundo do comércio, — então o génio da navegação, que cheio de inércia sem esperança estiveira adormecido, durante eras de idolências nas vastas profundezas do Atlântico, ao partir, ouviu por fim, o Príncipe Lusitano que sob inspiração celeste,

10 CONTOS PARA OS SINISTRADOS DE AGADIR

O Banco do Algarve, prestigiosa instituição bancária com sede em Faro, contribuiu com a importante verba de 10.000\$, para as vítimas algarvias do terramoto de Agadir.

ANGÚSTIA E ESPECTATIVA

EM TODO O ALGARVE

DE ONDE ERA NATURAL A MAIORIA DOS PORTUGUESES RESIDENTES EM AGADIR

ERA a colónia portuguesa residente em Agadir constituída, na sua maior parte por algarvios — pescadores, marítimos, técnicos das fábricas de conservas e operários de diversas especialidades — que haviam emigrado para aquela cidade.

Por isso mesmo, a notícia do terramoto que reduziu a um monte de escombros Agadir cobriu de luto a província do Algarve, onde

a angústia e a expectativa são enormes.

A medida que vão chegando notícias da cidade-mártir, todos procuram ansiosamente saber se os seus parentes se contam entre os sobreviventes e, enquanto alguns riem e choram de alegria, outros ficam parados, abatidos, a maioria das vezes de olhos secos, ainda sem quererem acreditar que, num momento libertas, as

(Conclui na 4.ª página)

levou a humanidade a amar a glória útil e ligou todo o mundo num comércio sem limites.»

William Julius Mickle, traductor dos «Lusíadas», a que chama o poema do Comércio, escreveu: «A feliz execução do mais importante intento de Henrique: Duque de Vizeu, Príncipe de Portugal, a quem a Europa deve como ao Gama e a Colombo, o Mundo Oriental e Ocidental, constitui o assunto daquele poema épico, conhecido: na Inglaterra quase somente pelo nome.»

(Conclui na 4.ª página)

CONSTRUÇÕES ESCOLARES

(PROJECTA-SE A CONSTRUÇÃO DE 8.800 EDIFÍCIOS COM 15 MIL SALAS DE AULA)

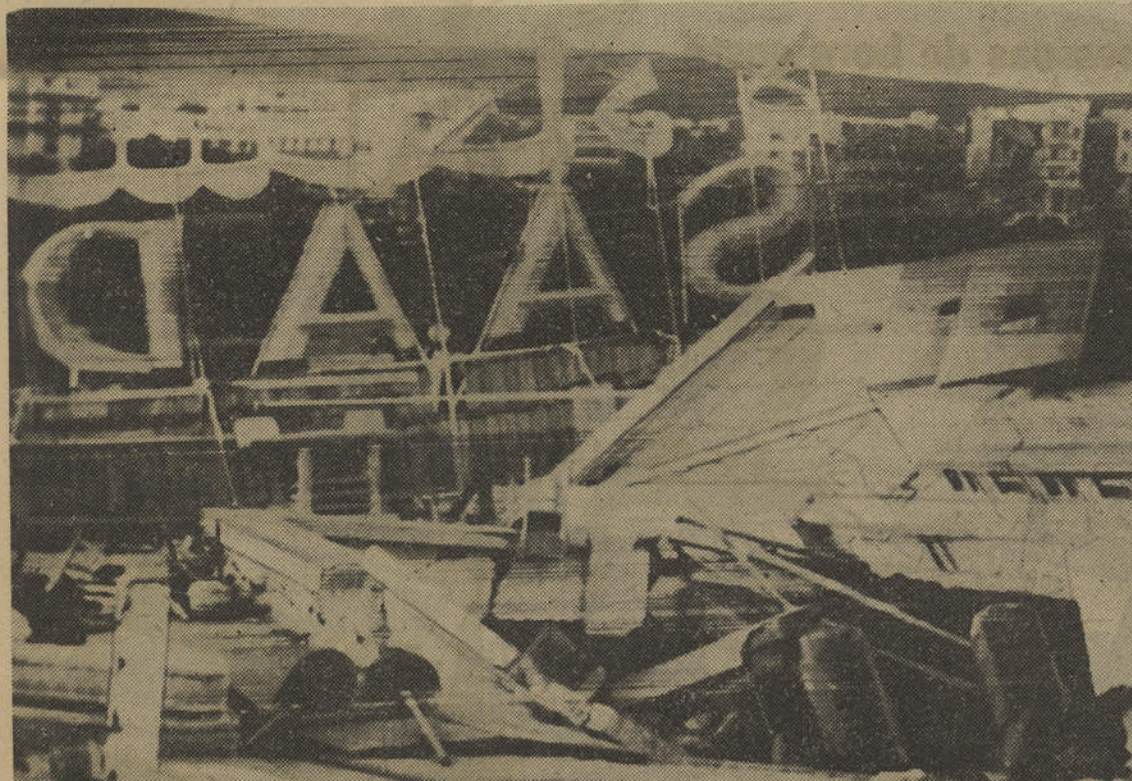
NÃO se pode negar que nas últimas duas décadas a instrução primária em Portugal sofreu vigoroso impulso de desenvolvimento. E tanto que na década que se segue o País deverá estar quase completamente alfabetizado.

Isto num país em que havia regiões com 85% de analfabetos temos de convir que é na verdade muito e que foi necessário conjugar deliberadamente muitos meios para o conseguir. Não foi dos menores, mas foi certamente dos mais proveitosos, o que se gastou e gastará em dinheiro.

Países mais pequenos que o nosso, e, seguramente mais pobres, caminham na vanguarda porque os seus povos foram convenientemente preparados para isso, pela instrução e educação emanadas das suas escolas.

Não regateemos pois louvores a quem traçou este rumo e está de parabéns a Nação.

(Conclui na 4.ª página)



Eis uma triste imagem do que resta do formoso Hotel de Agadir. As enormes letras colocadas no alto do moderno edificio estão agora impressionantemente ao nível do solo

OS NOIVOS DA ACTUALIDADE



A Princesa Margarida e Anthony Armstrong-Jones brincam, felizes, indiferentes aos comentários da imprensa londrina, no terraço de Royal Lodge, no Windsor

PRESEÇA DO ALGARVE NA ILHA DA MADEIRA

Série de crónicas de GENTIL MARQUES (em especial para «Notícias do Algarve»)

SEGUNDA CRÓNICA:

Encontro com um Algarvio NO CENTRO AÇOREANO DA ILHA DA MADEIRA



la segunda-feira à noite.

ASSIM aconteceu, na verdade. Embora pareça bizarro, o título desta crónica corresponde a o que se passou, naquela

Eu tinha chegado de tarde à Ilha da Madeira e encontrara logo bons amigos açoreanos: a Maria Mendonça, jornalista, o major Jovelino Pamplona Corte Real (que fôra meu companheiro nos bancos do Liceu de Faro), o Dr. Pereira da Costa e sua Esposa, um casal de açoreanos de primeiro plano e o Dr. Clementino Moniz de Sousa, Vice Reitor do Li-

ceu do Funchal. Entre os novos amigos, destacaram-se logo esses. Aliás, com toda a justiça. E, portanto, não admira que eu tivesse recebido um convite para visitar nessa mesma noite o centro Açoreano que é, por assim dizer, o ar de todas as famílias dos Açores residentes no Funchal.

E fui, com muito prazer. (Conclui na 4.ª página)

CHESSMAN:

“EU NÃO SOU O BANDIDO DA LUZ VERMELHA”



CARYL CHESSMAN: 37 DIAS DE VIDA

FALTAM 37 DIAS PARA UM CONDENADO morrer na câmara de gás. Esse condenado em nome da lei, chama-se Caryl Chessman. o mundo cristão debruça-se, curva-se, perante este cruaicante dilema: culpado? A Justiça retém um homem encerrado numa cela do Corredor da Morte há onze anos e meio, e a pergunta surge: culpado?

Há cadeias divergentes. E há sentimentalismo colectivo por este homem que, das trevas da cela 2455, continua a afirmar que não é o «bandido da luz vermelha».

Há aproximadamente 12 anos que o condado de Los Angeles viveu horas de terror originadas por um bandido que conduzia um automóvel. Esse veículo tinha como distintivo uma luz vermelha. Inúmeras raparigas foram violadas e outras mal tratadas pelo bandido da luz vermelha. Uma, enlouqueceu. Chama-se Mary Alice Meza e tinha, então, dezasse-

tranquila e exclama para o polícia: «Vocês como investigadores não prestam; deviam dar bons lavadores de pratos, e mesmo assim...» O polícia, sorrindo, responde-lhe: «Claro, claro. Falar não custa. Vamos a ver se ainda

(Conclui na 2.ª página)

Um Artigo

DE EMÍLIO VALONGO

te anos, actualmente internada no Hospital Estadual de Camarillo.

Um jovem de vinte e seis anos, já com duas condenações e em regime de liberdade condicional, é, após breve tiroteio com as autoridades, levado novamente à prisão acusado agora de roubo, falsificação, tentativa de homicídio e como sendo o BANDIDO DA LUZ VERMELHA. Esse jovem é Caryl Chessman que sorri ao ser algemado. Ele tem a consciência



CHESSMAN EM 1958

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com pouca demora esteve em Lisboa a fim de tratar junto da Direcção Geral dos Desportos de assuntos intimamente relacionados com o progresso do Clube Náutico desta vila, o nosso estimado amigo e prezado colaborador sr. Ilídio Setúbal.

Esteve em Lisboa tendo já regressado a esta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. António Xavier de Sousa, proprietário da Garagem Auto-Avenida nesta vila.

Por curto espaço de tempo esteve nesta localidade o nosso prezado amigo e prezado colaborador sr. Vítor Ruivo, residente em Lisboa.

Esteve em Lisboa a fim de tratar de assuntos de grande interesse para o concelho que tão proficientemente dirige o sr. dr. Carlos Alberto Lança Falcão, ilustre presidente da Câmara Municipal de Silves.

COOPERATIVA AGRÍCOLA LEITEIRA DOS CONCELHOS DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO E CASTRO MARIM S. C. R. L. ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

De harmonia com o disposto no artigo 21.º dos Estatutos convocamos a Assembleia Geral desta Cooperativa, a reunir na sua sede, rua Cândido dos Reis, 69-71, no dia 27 de Março, pelas 15 horas em 1.ª convocação, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º — Discutir e votar o balanço, as conclusões do relatório da direcção e o parecer do concelho fiscal;
- 2.º — Julgar as contas da direcção.

Se por falta de número legal de sócios a Assembleia não puder funcionar em 1.ª convocação, a mesma reunirá em 2.ª convocação, uma hora depois no mesmo local, com a mesma ordem de trabalhos, com qualquer número de Associados.

Vila Real de Santo António, 7 de Março de 1960

O Presidente da Assembleia Geral

a) João Bernardino Pires

Anunciai o «Notícias do Algarve»

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 4.ª PAGINA)

raízes que nunca deixaram de ser — embora a Alaira se encontrasse em Lisboa desde os dezoito anos. Além de forte, uma coisa nela nos agradava mais do que tudo: o aspecto saudável, o ar de vender saúde. As faces coradas, de tanto sangue. Violacias, por vezes, em especial depois de um esforço violento. Também só gostava de carne. «Carniça» como ela gostava de dizer. Toda aborrecida quando lhe davam peixe com frequência:

— Peixe não puxa a carroça! Pois não parece a mesma! Amarela, a pele piácida e descaída no pescoço. Do vermelho sadio nas faces restam umas veias à superfície, emaranhadas.

Ora eu ia a esquecer-me do principal. Ia a esquecer-me de dizer que a Alaira trazia consigo a filha — treze meses enfeitadinhos, a boquinha pequena de lábios descorados. Sem calcinhas, uma saíinha desgraciosa, esfarrapada e velha.

— A menina tem fome — digo eu.
— Não se hora. Comeu antes de vir...
— Mas já veio há tanto tempo...
— Não senhora. Comeu bem.
— E vocemecê também
— Ora essa, minha senhora! Ofendida. E logo a mudar de assunto, pois como ia dizendo, minha senhora... Está-me contando não sei quê de uma coleira que mandou vir da aldeia, por quem ela se responsabilizara e afinal... Não lhe presto atenção, levo-a para a cozinha atrás de mim. Abro um papo-seco, espalho manteiga e queijo e ainda por cima uma folha larga de fambre. Encho de lei-

te o copo grande (aquele que ela própria, às vezes, me obrigava a beber). O orgulho dela, desfas-se. Alá, enquanto os olhos me seguem os movimentos, a história começa a embrulhar-se-lhe na boca, com os barlotões da saliva. Mas não se precipita para a sanduiche. Leva-a à boca, poisa-a no prato, torna a ir buscá-la, tudo muito senhoriamente, com muito assento.

A seguir fiz uma açordinha à menina. Uma açorda forte, bem ligada, espessa. «Ela não quer — torna a dizer a Alaira — comeu antes de vir, ainda há bo-cado»...

Pois não queriam saber, a pobre! Estava esganadinha de tanta fome! Gritava, impaciente, enquanto a colher ia e vinha. Faltavam duas colheres para chegar ao fim e já a menina fechava os olhos e dormia — bu-dasinho sem maldade desterrado num mundo que o não defende, que tanto se lhe dá que viva, como que morra, que seja como não seja.

Maria Manuela Nunes

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»
VENDE-SE
na FIGUEIRA DA FOZ:
Tabacaria Pessoa

“EU NÃO SOU O BÂNDIDO DA LUZ VERMELHA”

(Conclusão da 1.ª página)

terás vontade de falar quando te meterem na câmara de gás. Eu lá estarei para te ver». Chessman respondeu, com um sorriso desdenhoso: «Ainda você há-de morrer de velho antes que isso aconteça».

E a resposta veio, calma, impregnada da filosofia: «Alá está, Chessman, uma coisa com que tu não tens que te preocupar — morrer de velho».

Na manhã de sábado de três de Julho de 1948, a cela n.º 2455 do Corredor da Morte, da Penitenciária de S. Quintino, é a sua nova e talvez derradeira morada. Chessman luta daí contra o estado da Califórnia e contra o Mundo. Chessman trabalha doze, catorze, quinze horas diárias, martelando na sua *underwood* para

TILHO. CHESSMAN PREPARA NOVO COMBATE CONTRA A NOVA DATA.

Dos dois livros publicados pelo condenado-escritor, um, *2455-CELA DA MORTE*, dá-nos a sua adolescência e um estudo psicológico sobre a mentalidade criminal. É difícil escrever-se quando o fim se resume à cadeira eléctrica e, ao longo de terríveis onze anos, se baila macabramente entre a vida e a morte; contudo, Chessman fê-lo. Condenar um homem que afirma a sua inocência, são erros judiciais. Agora a obra, não, essa não será condenada — contribuirá para a abolição da pena de morte.

O SEGUNDO LIVRO DE CHESSMAN

FALANDO com o companheiro da cela vizinha, Chessman afirmou: «A não ser para nós e para alguns amigos, a minha morte não tem importância. Mas peço a Deus que o livro que deixo impeça que os outros pais sofram o que os meus sofreram...» «Mas porquê, Caryl? Porque é que eles não-de matar-te agora?». E Chessman, respondeu-lhe: «Porque me encontrei demasiado tarde».

Esta é a verdade deste segundo livro de Chessman, *CONDENADO EM NOME DA LEI*, do qual se desprende a trágica expectativa dos anos passados na Penitenciária de S. Quintino. As suas páginas são medonhas, mas reais. E nós, comodamente sentados, ficamos a pensar nestas frases de Chessman: «Já vi partir para o último passeio sessenta homens. Um deles era um velho caquético, com a mania da perseguição. Outro era um rapazola espavorido, belfo, que ainda mal fazia a barba. Altos, baixos, medianos; gordos e magros; novos e velhos; religiosos e ateus; inteligentes e estúpidos; bravos e covardes; alguns bem apessoados, outros insignificantes. Entre eles, homens com sangue índio, africano, irlandês, espanhol, judeu polaco, inglês...» E mais adiante, numa prosa que lança o pavor no espírito já desorientado: «Todos tinham roubado vidas humanas, a tiro, à cacetada, com veneno, com navalhas, com

machados, com as mãos nuas. A lei exigiu-lhes as vidas, mandando-os esperar, juntos, no Corredor da Morte, pelo momento do pagar a dívida. Os prazos que esperaram pelos carrascos iam de oito meses a seis anos. A maior parte deles foi executada na primeira data marcada; outros viram essa data adiada uma ou mais vezes. Um deles iludiu a morte doze vezes, mas a décima terceira a sorte abandonou-o...»

É assim este segundo livro de Chessman, o condenado-escritor que tem *vencido* a morte há cerca de doze anos.

Ele esforça-se por fazer-se compreender sobre a futilidade da pena capital, e consegue-o. A câmara de gás não compensa. Esta biografia real dum homem que espera a morte, identifica-a como tal. Caryl Chessman, um mito?

Um aventureiro? Um louco? Uma mistificação?

Não sabemos. Caryl Chessman, é um homem — um homem que luta desesperadamente pela vida. E a vida sorri-lhe mais 37 dias...

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.



mostrar ao exterior que está inocente, e há onze anos e meio que os tribunais lhe suspendem a execução.

A mãe de Mary Alice acusa este «inimigo — público». Ela diz que «a única maneira de a minha filha recuperar o juízo é dizer-se-lhe que Chessman desapareceu. Ele é um homem impiedoso: Mary Alice pediu e implorou, mas Chessman não mostrou compaixão». A imprensa americana, acusa-o. Os críticos, atacam-no. E os cabeçalhos, gritantes, impregnados de ódio, encimam as páginas, arrastando os leitores numa onda destrambelhada. NOVO ADIAMENTO PARA CHESSMAN. O CASO COMEÇA A TORNAR-SE MAÇADOR. ALASTRA O RAS-

AOS Srs. COMERCIANTES OU INDUSTRIAIS

CONTABILISTA de vastos e reconhecidos conhecimentos e de toda a idoneidade, dedicando-se exclusivamente à Organização e reorganização de serviços para efeito de acórdos extra judiciais, concordatas, exame etc. etc. — encarrega-se de tais serviços em qualquer localidade do Algarve.

Carta a este Jornal ao n.º 15

VENDE-SE

Vivenda S. Luiz, na Rua dos Centenários em Vila Real de Santo António.

Optima construção moderna com 2 pisos, próprios para duas famílias, com entradas diferentes.

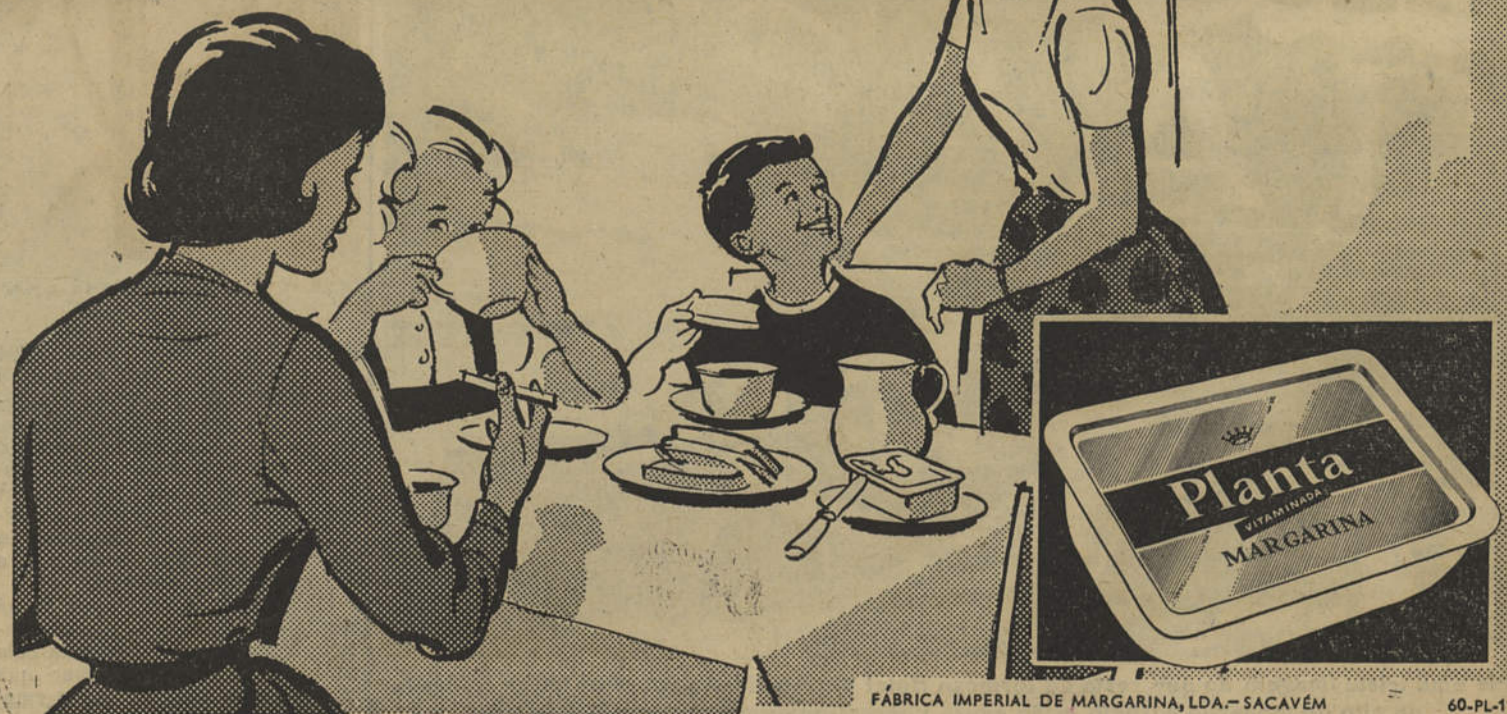
Tratar no local ou na Rua D. Pedro V. n.º 7

Saborear... é viver

Que belo lance!.. Pode dizer-se que Planta faz a alegria de pequenos e grandes. E compreende-se! Planta é a mais fina, a mais pura das gorduras. Uma fatia de pão barrada com Planta é na verdade uma das mais deliciosas coisas que existem. E como Planta é acondicionada numa embalagem hermética 100% estanque, única no mundo, ela chega à sua mesa tão fresca como no momento em que é empacotada.

Planta

a gordura das pessoas de bom gosto



FÁBRICA IMPERIAL DE MARGARINA, LDA. — SACA VÉM

DESPORTOS

FUTEBOL

LUSITANO, 1 — BARREIRENSE, 2

EM TERRENO LAMACENTO GANHOU A EQUIPA MAIS INTELIGENTE

Na 1.ª parte não houve golos: porém, aos 46 minutos, o Lusitano abriu a conta com um golo de Torres. Sete minutos decorridos. Correia igualou e Lito obteve o segundo tento da sua equipa, aos 69 minutos. A nove minutos do fim, o árbitro ordenou a expulsão de Parra.

Os lusitanistas, jogando a favor do vento, tiveram uma primeira parte brilhante, merecendo, sem dúvida, chegar ao fim dos 45 minutos na posição de vencedor. Em quase todos os pormenores a equipa se mostrou capaz de uma surpresa, de tal forma se assenhoreou do jogo, com autoridade na defesa e sempre rápida e oportuna, quer na transposição do jogo, quer na movimentação global.

Simplesmente, acabaram-se-lhe as energias e a inteligência para aguentar a toada inicial, já que nunca lhe faltou brio e vontade da defesa de um resultado favorável. E, então a partir do golo do desempate, foi notória a quebra na movimentação dos lusitanistas.

Quando a um minuto do recomeço do encontro Torres marcou o tento do Lusitano acreditou-se ser difícil ao Barreirense conseguir os seus intentos dado que os locais animados com o tento e incitados pelo seu público, continuavam a ter ligeira supremacia sobre os seus adversários.

Porém, depois deste golo, os visitantes abandonaram a defesa a que se ha-

CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO

Foram os seguintes os encontros e resultados do passado domingo do Campeonato Nacional de Futebol da III Divisão.

Silves, 1 — Despertar, 0
Ferreirense, 1 — Aljustrelense, 3
S. Domingos, 3 — Louletano, 2
S. Brás, 3 — Sambrasense, 0

CLASSIFICAÇÃO

Silves	15 pontos
Despertar	11
S. Brás	11
S. Domingos	11
Aljustrelense	7
Sambrasense	6
Louletano	6
Ferreirense	5

CICLISMO

O Amador Vitor Tenasinha CAMPEÃO DO ALGARVE

Disputou-se no passado domingo a final do campeonato regional de ciclismo de amadores - juniores. A prova que consta de 68 quilómetros (Faro, S. Brás, Boliquiteime e Faro), foi realizada em contra-relógio.

O vencedor da tirada foi o taviorense José Pedro Cavaco, que percorreu os 68 quilómetros em 1 h. 50 m 55 s (média 36,700 quilómetros). Classificaram-se a seguir: Vitor Tenasinha, Loul. 1 h 51 m 28 s 3.º, Humberto Corvo, Ginásio; 4.º, Bernardino Reis, Ginásio; 5.º, José Conceição Soares, Loul.

No conjunto das três corridas, ficou em primeiro lugar o louletano Vitor Tenasinha, com 10 h 46 m 58 s, pelo que conquistou o título de campeão regional.

Jogo no Campo de Francisco Gomes Socorro, em Vila Real de Santo António, perante regular assistência.

Árbitro: Salvador Garcia (Lisboa).

LUSITANO — Martinez; Parra, Campos e Gonçalves; Padesca e Mendes; Torres, Jaruça, Rodolfo, Araujo e Ramires.
BARREIRENSE — Isidoro; Faneca, Pinto e Ezequiel; Lança e Lenine; Amílcar, Correia, João Alves, Mascarenhas e Lito.

viam remetido e em passes compridos e pelos extremos procuraram com afinco o golo do empate o que conseguiram volvidos 6 minutos, devido a um erro da defesa lusitanista. Num remate de um avançado barreirense, Martinez defendeu para perto e Parra ao tentar aliviar fê-lo de tal maneira que colocou a bola nos pés de

PORTIMONENSE — OLIVAIS EM 27 DE MARÇO

Em virtude do violento temporal que pairou em todo o Algarve, e devido ao péssimo estado do campo do Portimonense, o árbitro do encontro sr. Vaz Valente deu o terreno por incapaz. Por acordo entre os dirigentes dos dois clubes este encontro efectuar-se-á no dia 27 do corrente, data em que não se realizam jogos no Algarve para a «Taça de Portugal».



VILARREALENSES:

Se quereis engradecer o clube da vossa terra, inscrevei-vos para sócio do LUSITANO FUTEBOL CLUBE

Correia, que com um «bico» fez entrar a bola pelo lado direito de Martinez sem possibilidades de defesa para este.

Depois deste golo, como atrás dissemos, os locais baixaram muito devido ao dispêndio de energias, e então veio ao de cima o melhor jogo dos barreirenses que aos 68 minutos obtiveram o golo da vitória por intermédio de Lito. Este golo foi vivamente protestado pelos locais e pelo público mas o árbitro, apesar dos protestos dos lusitanistas considerou o golo.

Depois do discutido tento o jogo entrou uma toada ríspida do que resultou a expulsão de Parra na disputa da bola com Mascarenhas.

Salientamos nos visitantes as actuações de Correia, Pinto e Mascarenhas enquanto nos algarvios Martinez, Campos e Mendes estiveram em plano de evidência.

Outros resultados

Olhanense, 3 — Montijo, 2
Arroios, 0 — Farensense, 1
Oriental, 3 — Estoril, 1
Beja, 0 — Almada, 0
Juventude, 2 — Serpa, 0

MAIS DE UMA CENTENA DE PESSOAS

SE DESLOCAM HOJE A FARRA PARA ASSISTIR AO JOGO FARENSE-LUSITANO

A confirmar o interesse que está a despertar o encontro entre o Farense e o Lusitano na capital algarvia desloca-se de Vila Real de Santo António mais de uma centena de pessoas, em excursões, automóveis e até mesmo em bicicleta, a fim de assistirem ao «derby» algarvio que é o Farense-Lusitano.

O INFANTE D. HENRIQUE

(CONCLUSÃO DA 4.ª PAGINA)

Afonso X (de Espanha), o sábio, nas suas «Siete Partidas», adverte os perigos que encontram os que fazem a guerra no mar e quando diz: «ca en la guerra de tierra non es peligno sinon de los enemigos tan solamente, suas en la de la mar es de esos mesmos et demas del água el de los vientos»...

Para terminar, não quero deixar de recolher um depoimento de um Professor Catedrático da Universidade de Madrid e historiador, Senhor D. Romeu de Armas. Diz ele: «Portugal encontrou o Infante D. Henrique, o homem genial que soube impôr-lhe um fim e um destino próprios».

Por um movimento instintivo de legitima defesa pensou-se em Conjugiar os espaços de todos os de cá e de lá para resistir aos mais que prováveis ataques do inimigo comum que ameaçava destruir de uma vez para sempre as províncias do grande Império de Cristo.

«Fruto desta obstinada preocupação defensiva foram as palavras originais do Infante português D. Henrique o navegante, patrocinadoras de uma gigantesca Cruzada envolvente contra o Islão». «Claro é que a feliz realização do atrevido projecto do Infante previa a sistemática ocupação de todos os pontos de apoio intermédios da nova rota, como eram a costa africana e as suas ilhas».

O Algarve era a Província mais atingida pelos ataques vindos das costas africanas. O Infante D. Henrique foi o seu grande defensor. Por isso se outros motivos nos houvesse esse bastaria para lhe exaltarmos a memória.

A GELEIA REAL NO COMBATE AO CANCRO

Conferência de Imprensa de G. F. Townsend - Prof. da Universidade de TORONTO

PROFESSOR TOWNSEND expôs os seus trabalhos pessoais no que se refere ao problema do cancro e às possibilidades na Geleia Real neste grave assunto.

Depois de ter desenvolvido os elementos técnicos e os factos observados, o Professor TOWNSEND concluiu:

«Gostaria de sublinhar os pontos seguintes:

— A Geleia Real é uma secreção glandular e, por este facto, pode ser biologicamente activa.

— A Geleia Real deve ser manipulada com delicadeza; ela perde em particular o seu poder em consequência da oxidação rápida, principalmente no decorrer de variações de temperatura.

— Está agora demonstrado que um dos componentes da G.R. como o ácido decilénico metaboliza ou absorve as células tumorais e torna-as inactivas, evitando desenvolvimentos ulteriores da doença. A inactivação parece produzir-se nos minutos ou mesmo nos segundos que se seguem ao contacto do ácido com as células tumorais.

— Certamente, muitas outras substâncias químicas podem apresentar as mesmas vantagens, mas, até aqui, nenhuma outra como a G.R. apresentou vantagens de não toxicidade».

O Dr. GAUTRELET tirou, em seguida, as primeiras conclusões duma experiência clínica no homem com uma Geleia Real, especialmente preparada pelo biólogo B. BELVEFER, utilizando a via oral.

«Duas séries de conclusões se impõem, desde já:

1.º — a título de *tratamento*, pela primeira vez, obtêm-se resultados espectaculares, com provas de laboratório que os confirmam. A Geleia Real tem indicações precisas sob certas condições.

Estas condições são: iniciar o tratamento tão cedo quanto possível, estabelecer fortes doses, estabelecer uma prescrição precisa em razão da fragilidade do ácido decilénico, produto activo em sinergia com outros. As indicações são: interesse certo na leucémia, epiteloma das mucosas, K d'Erlich, sarcoma, carcinoma. Incerteza nas outras formas, ainda não experimentadas.

2.º — a título *preventivo*. É a indicação primordial. Três indicações e um certo número de precauções.

As indicações principais são: sistematicamente nas famílias atingidas pelo cancro, tal como uma vacina; nos indivíduos tratados localmente e susceptíveis de metástase, isto é de generalização; nos casos de recaída ou recidiva, tais como o cancro de seio e da laringe.

Algumas precauções: uma cura prolongada, e repetida, muito útil; fortes doses, uma vigia contínua do doente, investigar a susceptibilidade às doses, colaborar estreitamente com o médico assistente; renovar os exames laboratoriais que permitem seguir a evolução da afeição.

Em conclusão, temos a prova de termos finalmente um tratamento provisório e autêntico do cancro, o único provado até agora, o único científico, fundado em «controles» de laboratório. É preciso agora multiplicar os ensaios e aguardar que o tempo passe para poder transformar o provisório em definitivo».

VIVENDA E HORTA VENDE-SE

«Aceitam-se propostas em carta fechada para a venda dos imóveis acima, em conjunto ou em separado, os quais estão situados em Olhão no sítio da Patinha, e são pertença de José Reis Viegas Silva.

As propostas deverão ser enviadas até 12/4/1960 ao Apartado N.º 65 em Olhão».

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Barreirense	21	16	2	3	47-17	34
Oriental	21	14	4	3	38-16	32
OLHANENSE	21	14	2	5	51-17	30
FARENSE	21	12	3	6	44-22	27
PORTIMONENSE	20	13	—	7	49-26	26
LUSITANO	21	9	5	7	42-31	23
Montijo	21	9	2	10	41-43	20
S. L. Olivais	20	8	3	9	35-35	19
Desp. Beja	21	7	4	10	28-38	18
Almada	21	7	1	13	22-33	15
Juventude	21	5	5	11	34-49	15
Estoril	21	6	3	12	29-45	15
Serpa	21	6	2	13	31-54	14
Arroios	21	2	—	19	22-87	4

Jogos para hoje: Barreirense-Montijo; FARENSE-LUSITANO; Almada-Arroios; Serpa-Beja; Olivais-Juventude; Estoril-PORTIMONENSE; Oriental-OLHANENSE.

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

Actividade profissional somente sem dores.

Contra dores de cabeça constipações reumatismo

ASPIRINA



Ha mais de 60 anos ASPIRINA e BAYER familiares a todos.

CLAIRE BLOOM — estrela do filme «Corsário Lafitte» um filme Paramount — Vistavision — Cor por Technicolor



LUX, tanta cor e beleza para si!

A sedutora beleza das estrelas de cinema está também ao seu alcance! A suave e delicada acção da espuma puríssima de Lux é para si um verdadeiro tratamento de beleza. Use Lux e siga o exemplo de Claire Bloom que lhe diz: «Gosto de todas as novas cores em que Lux se apresenta agora. Penso que se usar uma vez Lux — branco ou em cores — também Você confiará nele».



BRANCO • VERDE • ROSA • AZUL

9 de cada 10 estrelas usam LUX, branco ou em cores!

INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA. SACAVÉM

(Conclusão da 1.ª página)

Traçamos estas linhas a propósito do novo Plano de Construções Escolares em acção conjugada dos Ministérios das Obras Públicas e Educação Nacional, que vem substituir e completar o conhecido Plano dos Centenários. E pode ser que alguns comentários lhe façamos.

Vão-se remodelar e acrescentar com novas salas de aula os edifícios escolares já existentes. Aqueles que propositadamente foram construídos com esse fim merecem-no, e devem ser de todo abandonados aqueles que foram improvisados, sem condições higiénicas ou pedagógicas e alguns em estado de ruína ameaçando desabar.

As Câmaras Municipais sô-lhes facultados meios de poderem participar mais desajogadamente com o Estado. Tudo o que se fizer nesse sentido merece o nosso inteiro e incondicional aplauso. Por muitas Câmaras serem de débil capacidade financeira é que nós vemos muitas regiões rurais estarem em afilho atrás em relação a outras. Não queremos citar nomes pois todos os conhecem.

Também se vão construir junto a algumas escolas, nas Zonas onde a falta de conforto mais se faz sentir, habitações para os professores. Isto deveria desde sempre ter sido feito. Todos sabemos a falta de acomodações que há em tantos pequenos lugares, onde o professor se tem de alojar nas condições mais primitivas e ainda por especial favor. Até nos meios maiores a habitação deverá ter sido construída, pagando embora uma renda moderada, pois o professor vive ainda, apesar de tudo, em condições angustiosas.

Faça-se a comparação dos

seus vencimentos e das suas responsabilidades com o mais modesto funcionalismo público e então se reconhecerá o que dizememos.

O último e tão apregoado aumento de vencimento ao professorado primário pouco mais serviu que para demonstrar a boa intenção do Senhor Ministro da Educação Nacional por esta prestiliosa classe.

Os logradouros das escolas vão ser convenientemente tratados. E assim deve ser porque tal como os encontramos em muitas escolas dão uma nota de abandono mais parecendo um pedregal cheio de ervas ruins do que um lugar aprazível para crianças. Estas habituam-se deste modo a apreciar o belo, e ajudar a mantê-lo, e, o que é mais importante, a amá-lo e a não o poder dispensar. Este gosto levá-lo-ão para casa de seus pais e desenvolvê-lo-ão quando tiverem habitações suas.

Resta-nos falar das Cantinas Escolares. Muitas vezes a elas se tem referido o nosso Jornal.

A Escola não poderá desempenhar cabalmente a sua missão se ao lado não tiver a Cantina. Quando a caldeira não tem combustível bastante não pode o maquinismo funcionar com o necessário aproveitamento.

O estômago é a caldeira do nosso organismo e nós sabemos como vão para a escola muitos dos meninos que a frequentam.

Bem fez o Governo em propor para as Cantinas Escolares uma substanciosa verba. É necessário que os particulares acudam também e fiquem à espera de que o Algarve marque posição.

Obras como as dos Planos de Construções são marcos que balizam uma fecunda época de realizações.

Exultemos com elas!

Contos Góticos

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Veto ontem ver-me a Alzira, a Alzira foi minha criada durante dois anos. Saiu para casar com um rapas jardineiro de seu ofício mas sem lugar certo em lado nenhum: vai uns dias aqui, outros dias ali...

— O que era bom, era arranjar para a Câmara...

— Mas na Câmara ganha-se coisa que se veja?... — Deus, sempre era certo...

Não conheço ninguém na Câmara. Dou mais uma vista de olhos pelos meus conhecimentos. Ninguém. Mas não olhou vou dizer. Deve haver tão poucas esperanças nesta vida — sevia crueldade arrancar-lhe este. Bom, até porque, na realidade, pode acontecer achar uma «cunha» para lá, um dia destes.

A Alzira era uma moça forte, pesada, as pernas pedindo licença uma à outra para se despegarem do chão. Autênticas

(Conclui na 2.ª página)

As mais lindas Rosas
As mais famosas árvores de fruto
As melhores sementes de flores e de horta



Bolbos, insecticidas, fungicidas, arvoredo, construção de jardins, parques e pomares.

Catálogos grátis

Moreira da Silva & Filhos, Lda.
Rua D. Manuel II, 55 — PORTO

O INFANTE D. HENRIQUE

(Conclusão da 2.ª página)

Ca da mosto. Contemporâneo o Infante, deixou-nos este relato:

«Deve-se pois saber que o primeiro inventor destas navegações em os nossos tempos e por esta parte do Mar Oceano para o meio dia as terras dos negros da Baixa Etiópia, foi o muito ilustre Infante D. Henrique, filho que foi do D. João, Rei de Portugal e dos Algarves, o primeiro deste nome, o qual ainda que possa ser grandemente louvado pelos seus estudos na ciência do Curso do Céu e da Astrologia e Astronomia passá-lo-ei em silêncio e somente direi: que sendo de grande coração e engenho sublime e elevado, se entregou todo à milícia de Nosso Senhor Jesus Cristo pelejando com os Berberes e combatendo pela Fé sem se resolver nunca a tomar estado.»

Elaine Sanceau, essa admirável cultura dos eventos históricos Portugueses, autora do livro «Henry the Navigator» faz-me convencer de quanto é justa a minha admiração pelo carácter do Infante D. Henrique. Com a sua sensibilidade feminina, tal senhora desfaz a lenda da dureza e severidade deste Infante. E para isso basta compulsar o depoimento de La Salle, companheiro dele no ataque a Ceuta. Ali se vê que o Infante chorou durante dias a morte de Vasco Fernandes de Ataíde, seu preceptor e grande amigo. Embora dando um desconto ao escritor popular, que pretendeu comover o seu público, à moda da sua época, a conclusão que se tira é que o «Infante não pareceu insensivelmente ao forasteiro na Corte de seu pai».

«O embarço perante a personalidade do Infante D. Henrique», diz a mesma Senhora, «provém de que se não pode encontrar uma forma para o de-

finir. Mas uma cousa é certa, «nunca desembainhou a espada em qualquer outra causa que não fosse na conquista de Marrocos aos Mouros.» E acrescenta:

«O mundo deve ao Infante mais do que muitas vezes se lembra, pois foi ele que inaugurou uma nova idade». «A descoberta do desconhecido modificou a Civilização muito mais profundamente do que o Renascimento dos estudos clássicos poderia tê-lo feito». «Em todos os milénios da história da Humanidade só dentro dos quatrocentos últimos anos tem havido relações entre as raças humanas de todo o Orbe terrestre.»

Richard Henry Major que do «British Museum», autor do livro «The Life of Prince Henry». Diz que a glória do Infante D. Henrique está na concepção e persistente prosequção de uma grande ideia, a qual foi seguida desde então.

As costas de África foram visitadas; o Cabo de Boa Esperança foi dobrado; o Novo Mundo foi revelado; o caminho marítimo para a Índia, para as Molucas e China foi aberto; o Globo foi circundado e a Austrália descoberta, dentro de um século de continuas e consecutivas explorações. Tais foram os estupendos resultados de um grande pensamento e de uma indomita perseverança, a despeito de doze anos de cara suspensão e desanimador ridículo.

Tivessem tal suspensão e tal ridículo produzido no Infante aquele efeito que produzem nos outros homens, impossível seria dizer que demoras teria havido até à realização de tão importantes acontecimentos.

«Para Richard Beazley, o Infante D. Henrique é o «Herói de

Portugal e dos Descobrimentos, a figura central da História da sua Pátria e o primeiro guia da grande expansão europeia».

E acrescenta: «Não é nos feitos realizados pelos esforços do Infante D. Henrique que podemos medir a sua importância na História. E' por ter sido a sua obra infinitivamente sugestiva, por ter lançado alicerces sólidos para o desenvolvimento expansionista da Europa e da Cristandade, por ter sido o orientador de um verdadeiro Renascimento e de uma verdadeira reforma, que ele é mais do que uma figura da História de Portugal».

Beazley inicia por estas palavras a sua obra dedicada ao Infante D. Henrique:

«O interesse especial da vida e da obra do Infante D. Henrique (1394-1460) consiste na relação que ele tem com a expansão geral da Europa e da Cristandade» devido ao «generoso Henrique» é que a actividade da Europa fez a sua civilização ser a dominante no mundo e D. Henrique é o herói desse movimento centrífugo que veio a encontrar em B. Dias dos Gamas, Magalhães, Cabral, Colombo um estádio, que corou o impulso inicial da nossa raça.

«Mais do que qualquer outro homem, diz Beazley, (o Infante D. Henrique), é o autor do movimento descobridor dos séculos XV, XVI, e XVII. e foi devido a este movimento que se conquistou a Índia, se repovoou a América, se conheceu o Mundo e a Civilização que o mundo romano legara, conquistou ou eclipsou totalmente, todos os seus velhos rivais e superiores, o Islão, a Índia, a China, a Tartaria».

«Antes porém, do século XV, antes de nascer o Infante D. Henrique, a Cristandade grega e latina, era, quando muito uma das grandes forças civilizadoras e conquistadoras a lutar pelo domínio; antes da era dos Cruzados, antes do século XI, ela era claramente mais do que o poder muçulmano.

O Infante português D. Henrique era assim colocado perante o mundo dos nossos dias, que ora nos ignora ora nos esquece o merecimento, por um erudito estrangeiro, no seu verdadeiro lugar que lhe compete na história da Europa, da Civilização, da Cristandade e da Humanidade.

Tive a fortuna de conhecer o Rev. Ralph Welch, em Monastery, «Sea Point», Cidade do Cabo de Boa Esperança onde lhe ouvi as mais expressivas palavras de apreço pelos grandes marinheiros de Portugal, pelo Infante de Sagres e pelas suas acções, que, dizia serem de estilo épico.

As suas numerosas produções históricas acima dos feitos da Lusitânia, na África do Sul, davam lugar a Welch escrever com destacado relevo entre nós. Pois passou a sua existência quase desapercebido e somente nos últimos anos se conseguiu torná-lo conhecido de um limitado número de portugueses! Não faltou, porém, quem o classifica-se, como a Richard Beazley, — conceituado autor da história da Geografia, — e Henry maior «fracamente documentados» «de uma ingenuidade e de um impressionismo fantasista» «que faz sorrir.

E tudo isto porque exaltavam o Infante D. Henrique».

O general francês Henry Waruermans, no seu livro «Henri le hangateur et l'Academie de Sagres» afirma com convicção: «Não é somente Portugal que devia ter uma estátua de ouro deste Príncipe, verdadeiro fundador da grandeza política e Comercial da sua Pátria; a ciência deve-lhe um lugar eminente entre os maiores produtores do estudo do Globo e das Descobertas Geográficas».

Contudo entre nós procuram alguns estudiosos da personalidade do Infante, negar a existência da escola de Sagres... Não posso a certeza que me permita negar ou associar. Mas é ponto de fé, de que o Infante fez escola, isto é, preparou, continuadores e executantes da sua obra. Escola prática, no mar, na objectiva realidade. Colhendo elementos.

Escola teórica analisando-os, concretizando-os difundindo-os, impondo as medidas cautelares para não arruinar os empreendimentos pela indisciplina da acção. Mas um pouco de reflexão mostra a impossibilidade de navegar no mar largo sem uma preparação. Um marinheiro não se improvisa. E, sobretudo, na Marinha de Guerra.

(Conclui na 3.ª página)

PRESENÇA DO ALGARVE NA ILHA DA MADEIRA

(Conclusão da 1.ª página)

De braço dado com a Mariália e com a Maria Mendonça. Mais amigos nos esperavam. Terra maravilhosa, esta Ilha da Madeira, onde, os amigos nascem como as próprias flores. E foi então que o encontro se deu. A certa altura fui apresentado a um senhor simpático e sorridente. Comendador Joaquim Sequeira Cabrita, Presidente da Câmara Municipal da Ponta do Sol.

O homem que tem renovado e prestigiado a acção da Assistência Social na Ilha da Madeira.

Cabrita cheirou-me a nome algarvio. E lancei a pergunta. A resposta confirmou em cheio. Era, sim, senhor! Algarvio, dos autênticos; nascido em São Bartolomeu de Messines, a

pictoresca terra de João de Deus. Insensivelmente apesar de toda a boa amizade dos que nos cercavam, eu e o Comendador Cabrita aproximámo-nos mais e mais. O Algarve era o nosso Amor comum.

E ali desfiámos recordações e saudades. Ali, na Casa dos Açoreanos da Ilha da Madeira, durante largo tempo somente falámos do Algarve — e das suas belezas naturais, e do seu feitiço d'encanto e dos seus problemas, e da sua terra e da sua gente.

O Comendador Sequeira Cabrita e sua Esposa — a Senhora Dona Maria Luiza, outra açoreana ilustre — cumularam-nos de atenções, a mim e a minha mulher. E ganharam fundura em nossos corações as raízes de

amizade criadas nessa bela noite.

Ficaram logo de pé alguns projectos. Todos os que ali estávamos viveríamos em conjunto a noite do fim do ano — espectáculo singular. E seríamos presentes também no grande baile do Governador, reunião de alta sociedade na Fortaleza de S. Lourenço. E iríamos por um passeio à Ponta do Sol, para ver com os nossos próprios olhos a obra social erguida pelo Comendador Sequeira Cabrita. Tudo se cumpriu fielmente.

Escrupulosamente. Pontualmente. E disso irei dando conta nas crónicas vindouras, se a tanto me ajudar o engenho e a arte.

A SEGUIR:

Terceira crónica: Assim entramos, no Novo Ano, ao som do Corridinho.



MAR PORTUGUÊS, MAR ETERNO — Seja na Ilha da Madeira, seja no Algarve, seja em qualquer outro ponto da costa portuguesa — o Mar é sempre um monumento de audácia, de beleza e de aventura

(Gravura do Jornal «Festa»)

O TERRAMOTO DE AGADIR

(Conclusão da 1.ª página)

forças da natureza lhes roubaram o filho, o pai, o parente ou o amigo.

Entretanto, continua em todo o país a recolha de donativos para as vítimas do cataclismo e, embora o Instituto Nacional de Sangue tenha tornado público que já não é necessário mais sangue, afluem constantemente, aos estabelecimentos hospitalares, centenas de dadores voluntários.

O Secretário da Embaixada de Portugal em Marrocos, dr. Amândio Pinto, informou que se está a proceder ao reagrupamento dos portugueses que residiam em Agadir, acrescentando ser de recear que no sinistro tenham perecido entre 50 e 60.

A lista completa dos portugueses sinistrados de Agadir, que foram socorridos pela Associação Portuguesa de Beneficência, em Casablanca, é a seguinte:

René Mendonça Lourenço e esposa, Maria Amélia Afonso Mendonça, moradores em Inexgane (Agadir), José Pires Fernandes, pescador, e esposa, Maria Cristina Salvador; e dois filhos, Tolentino Pires Fernandes Cristina e Maria de Jesus Fernandes Salvador; Angelino de Jesus Fernandes, contramestre, e esposa, Maria de Lóudes da Graça, e dois filhos, Albino da Graça Fernandes, de 8 anos, e Maria da Piedada Graça, de 6; Indalécio Pires Faleiro, mecânico, de 22 anos (faleceu-lhe o pai, Joaquim Maria Faleiro, a mãe, Clarisse Pires Fernandes, e o irmão, José Pires Faleiro); Joaquim Gonçalves Chibille, pescador, esposa e uma filha, Manuel Alves Frade, armador de pesca, e esposa, Marcelle Frade, e cinco filhos, Gilberto de 19 anos, Odete de 17, Raimundo, de 14, Pedro de 11, e Teresa de 8; Joaquim Gonçalves, de 25, marítimo; Manuel Ferreira, marítimo; Manuel Sebastião, marítimo, e esposa, Eufrásia Martins Sebastião, e dois filhos, Bernardette, de 25 anos, e António de 19.

São os seguintes os portu-

ses sinistrados, socorridos pela Associação Portuguesa de Beneficência, e que se encontram alojados no Clube Recreativo Português, em Casablanca:

Armando Machado e Teresa Costa Machado, e filhos, Madalena, de 17 Armando, de 16, e José de 11; Joaquim Costa; viúva de Domingos Matos Santara, com os filhos Luísa, de 7, M. Manuela, de 5, Anílio, de 3, José Manuel, de 2 e Gilberto de 10 meses; José Cândido Santana e sua esposa, Maria Barroso Santana; Maria Brito e marido, João Carvalho, e filha Renée Carvalho, 21 anos (todos desejam regressar a Safi); Luís Faustino e esposa, Maria Luís, Faustino, com os filhos José Luís, de 20 anos, mecânico, e Maria Luís, de 23, dactilógrafa (todos desejam ficar); Eduardo Zorinho Guerreiro e esposa, Inês Gonçalves Guerreiro, com os filhos, Felicidade, de 15 anos, Lucílio, de 12, António de 11, Cristóvão de 6, Odília, de 4, Helena, de 11 meses (ficam em Casablanca, pois o marido está contratado para um barco de pesca francês); José Hermínio Chibille, e esposa, Raquel, e filha Madalena, de 8 anos; Francisco das Neves e esposa, Rosário, e filhos, Eleonor, de 15 anos, e Leonel, de 10 (querem regressar a Portugal).

Sinistrados de Agadir que se encontram em Fedala, no Centre d'Estimage C. F. M.: quatro pessoas da família Pires Fernandes; Indalécio Pires Faleiro (morrem-lhe o pai, a mãe e um irmão); três pessoas da família Tomás da Graça; duas pessoas da família de Henri da Graça; Amâncio Manuel, seu pai, mãe e quatro filhos (faleceu-lhe um filho de 14 anos).

Além destes, apresentaram-se no Consulado de Portugal, em Casablanca, mais os seguintes sobreviventes:

Maria dos Prazeres Viegas Mendes, de 49 anos, e sua filha, Purificação Viegas Mendes, de 15; Pedro da Silva Nória e Joaquim do Carmo.

Sabe-se, também, que se encontram vivos a viúva Salas e Fernando Lopes.

No entanto há muitos portugueses que sobreviveram à catástrofe mas que ainda não apareceram a dar os nomes, motivo por que ainda não foi possível elaborar uma lista oficial.

Visado pela Comissão de Censura

TINTAS EXCELSIOR

Tintas para a Construção Civil



AS MELHORES TINTAS PARA NAVIOS DE PESCA E COMÉRCIO

DEPOSITÁRIO NESTA VILA:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENIDA DA REPÚBLICA

Telefone 12